

quem quer ser engenheiro ou astrónomo pensa no que vai fazer, pois não há nada na Região relacionado com o sector. Depois, para o astrónomo, existe a carreira de investigação». Na perspectiva do professor, seria muito interessante criar uma empresa na Região nesta área, atendendo a que existem apoios.

Por outro lado, falta também na Madeira um observatório, «que já podia e devia estar a funcionar desde que o curso abriu, no entanto, por vicissitudes de vária ordem, não está».

Pedro Augusto relembra que em 1974/75 estiveram na Madeira astrónomos ingleses a efectuar medições na Encumeada Alta, por ser um local «potencialmente ideal para colocar um observatório astronómico. Decidiram-se pela instalação em Canárias. Hoje, a ilha de La Palma é um dos maiores centros mundiais ao nível de colocação de observatórios. Neste momento, está a ser construído o Gran TeCan (espanhol), que será um dos maiores do mundo».

O primeiro passo foi dado há trinta anos, mas as implicações futuras são óbvias. Na opinião do cientista, interessa ter uma estrutura do género, pelo desenvolvimento que se associa, quer ao nível de tecnologia, da formação profissional astronómica, da electrónica e da computação.

«Nas Canárias surgiu o Instituto de Astrofísica que é o melhor de Espanha. Ou seja, as coisas encaidavam-se umas nas outras. E preciso começar por algum lado».

Recorda ainda que em 1995, a Professora Teresa Lago, da Universidade do Porto, tentou ressuscitar a ideia

do observatório e contactou uma universidade alemã disposta a colocar um telescópio na Encumeada Alta, «mas o ministro da Ciência e Tecnologia, que na altura era Mariano Gago, recusou, alegando que a Europa não estava interessada».

Em 1999, Pedro Augusto submeteu um projecto para o financiamento de um observatório-cúpula, à Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT). Trata-se de uma estrutura para colocar o telescópio, entretanto adquirido do pela UMA. O projecto foi aceite. O observatório chegou em 2001 e foi colocado na Achada do Teixeira, em Outubro 2004, mas poucos dias depois foi destruído por uma tempestade e o pouco que ficou foi roubado.

«Estamos na estaca zero, mas vamos recomear. Em princípio, este ano será colocado outro observatório-cúpula, mas com outras condições de segurança. Esta, ou outra estrutura, é fundamental para o desenvolvimento da astronomia na Madeira. Se o observatório se tivesse mantido, provavelmente o ano passado teríamos aberto vagas para o curso, mas assim não fazendo. Esperemos que este ano se concretize».

Em fase de estudo está outro projecto iniciado em 1999. Trata-se da colocação de um rádio-telescópio na ilha, uma espécie de antena parabólica que permite fazer observações profissionais. A grande vantagem da sua colocação na Madeira é a integração numa rede mundial de rádio-telescópios, que ao funcionar em interligação é como se observássemos com um telescópio com o diâmetro da Terra, ou seja 12 mil km.

Há neste momento um grande “buraco” para cobrir, quando ligamos a Europa à América, que é o Oceano Atlântico. A ideia era resolver parte dele, que é algo que

perseguie a astronomia há mais de 20 anos».

A convite da UMA estiveram na Região três professores estrangeiros peritos na colocação de rádio-telescópios. «Os estudos que recomendaram foi a medição de meteorologia em três locais escolhidos na ilha. Estão situados todos na serra, a 1200 m de altitude: na freguesia das Achadas da Cruz, acima do Fanal e no Chão das Feiteiras».

Com apoio da FCT estão a ser efectuadas medições. Pedro Augusto estima que em meados de 2007, os estudos estarão concluídos.

Os resultados serão enviados ao reitor da UMA, para depois ser efectuado o pedido de financiamento à União Europeia.

«Penso que deve seguir os trâmites legais, que é endereçar o projecto ao Governo Regional da Madeira e ao Ministro da Ciência e Tecnologia. Esperemos que Mariano Gago não diga não», como já disse ao observatório em 1995. Depois, deverá ser enviado à União Europeia. A ideia de implicar as instituições é no sentido de ganhar poder, embora possamos fazer a candidatura directamente. Penso que em 2009 obteremos a resposta».

Quanto à astronomia em Portugal, já esteve muito pior. Diz que há vinte anos só havia dois doutorados, neste momento existem 60. «Em proporção, com a população portuguesa, estamos bem. É a mesma que existe em Espanha».

E, atendendo a que não é fácil descobrir os “mistérios” que o céu encerra, diz que o melhor para perceber astronomia é assistir a palestras e ler, nomeadamente revistas da especialidade. Lamenta no entanto que no país não exista uma boa revista em Língua Portuguesa sobre esta área do conhecimento. «Há algumas que tentam, como a “Superinteressante”, mas não tem qualidade, é pseudociência, vive do sensacionalismo». A opção que resta aos interessados é mesmo ler em inglês.

